



REVISTA DO NORTE

RECIFE, 13 DE MAIO DE 1891

OS ALGEMADOS

(AO MEU AMIGO DR. SAMUEL DOS SANTOS PONTUAL)

LASCIATE OGNI SPERANZA VOI CHE 'NTRATE
(*Inferno c. 3.· Dante*)



Modula o sabiá na galha do ingazeiro
triste accento final do canto derradeiro
antes de agasalhar-se,
e a fonte verte azul da limpida cascata,
quasi a precipitar-se,
a perpendicular corrente côr de prata.

Quando a noite de então poizou sobre o castello
a Lua do zenith tingia de amarello
a cupola do espaço
imprimindo no céu o cunho luminoso,
o luminoso traço
desse luar doirado, esplendido e formozo
dos mezes de Dezembro em noites de verão.

Era a noite de Festa !

Oh que deslumbramento
 traz o Natal á zona uberrima em que nascem
 aves em multidão
 e os monstros da floresta,
 onde o gado murmura e as ovelhinhas pascem !
 Nessas noites no matto esquecem-se os mistéries
 communs, de todo dia,
 e o alvorôto, o folguedo, as flores e as mulheres
 fazem combinação
 de o calix esgotar do seu contentamento.

Tudo é vida e prazer, ruido e movimento
 na quasi povoação
 do engenho de moagem ;
 a almanjarra parou, o assentamento é mudo.
 Está involvido tudo
 n'este classico empenho
 que o matuto possue de ostentar a roupagem
 que é todo o seu orgulho.

Somente o velho cão
 do nobre fazendeiro
 mettido em tal barulho
 uiva desconsolado em meio do terreiro.

De repente, porem, toda a algazarra cessa
 na casa de vivenda :
 a gente da fazenda
 logo cedo começa
 a tomar conduçções, — toca tudo a partir
 para a villa aldeia cantando estrada a fora.
 A capellinha -- aqui — principiava agora
 sem gosto e regra d'arte
 a edificar-se. O povo era obrigado á ouvir
 a Missa n'outra parte,

Mas ficou na senzala
a grande escravatura esturdia e alvorotada
já distendida em ala
á batucar contente a dança costumada.

A mizeranda raça
adora a pagodeira alegre da cachaça.

Em quanto canta esquece
a golilha e os grilhões. O canto exhorta á prece
que o negro envia ao céu nas horas de estertor
e a supplica afugenta as lagrimas e a dor.

Fôram folgando alli sem regra. Dentro em pouco,
não tendo sentinella,
o zabumba e o pandeiro
rompêram colossaes n'um vozeirão tão rouco
e tão alto de mais
que enchiam de pavôr aquelle mundo inteiro.

Juntaram-se por fim no pateo da Capella.

Erguia-se-lhe um Cruzeiro enorme a dianteira
sobre tosco pedral durissimo e imperfeito.

A escravatura tinha á cruz muito respeito,
quasi que idolatria — ;
toda a vez que voltava á tarde do roçado,
sempre ás "Ave Maria,"
curvada para o chão tirava-lhe em fileira
o chapéo empoeirado.

Foi na sagrada cruz que ha quasi dois mil annos
os Judeos e os Romanos
traspassaram Jesus de espinhos e de cravos.
Celebra-lhe o Occidente a morte e o natalicio.
Pois essa mesma cruz — christãos ! — foi o supplicio
que da Judeia a Lei ergueu para os escravos!
Trinta dinheiros era o preço estipulado
d'um escravo judeu;
por esses mesmos trinta o apostolo vendeu
ao pae do Apostolado !

Ao pé da cruz havia armado mão profana,
 mão de homem de côr,
 um relogio de sol com simples mostradôr
 e seu ponteiro de aço.
 Pois foi n'aquelle espaço
 que sambou a infernal e gigantesca roda
 da escravatura toda
 fazendo revoar á lua do Zenith
 o mulungú de couro e os sons do taquari.
 Levantaram por vez gritos descompassados
 que atroavam nos prados
 parecendo não ser clamôr da voz humana.
 Era ahi, — neste espaço aonde muita vez
 imprecaram justiça
 aos céus para esse roubo atroz do seu direito,
 tendo erguidas as mãos postadas contra o peito,
 os joelhos sobre a terra e a vista alevantada
 para o infido estendal da abobada azulada,—
 era ahi que sambava a escravatura á Lua.

Elles são bons fieis
 mas é cêdo de mais para se ir ver a Missa !

Alto ancião foi quando, — escravo mas soberbo
 no raso olhar nativo,
 ja curvado porem como outro sol poente
 cujo espinhaço verga ao peso de cem annos —
 arrastando-se entrou no pateo de repente.

O mizero captivo
 já não era capaz desse viver acerbo
 da foice e da charrúa.
 Aos pretos convidou
 para ouvirem-lhe a historia enorme do passado
 e o batuque cessou.
 D'ahi a pouco estava o conto alinhavado.
 Em diapazão solemne, o labio e as mãos tremendo,
 apoiou-se ao cruzeiro e começou dizendo :

Meus irmãos!

— eu nasci no Zaire, um rio grande,
caudato, fundo e longo,
que n'Africa se expande
em largos caracóes banhando o immenso Congo.

Eu pertencia á tribu alli menos alheia
aos labores da paz. Fui chefe d'uma aldeia.

O rei de uma outra terra
declarou-nos, porem, a mais selvagem guerra,
mais barbara e cruel e atroz e sem piedade
que é possivel travar humana gente. Ha de
um dia Deus punir tamanha expoliação !
Era costume então — um costume abjecto
entre o povo Africano —
captivar e exilar ao proprio povo irmão !

Estrangeiras nações,
que em Lisbôa e Sevilha expunham nos balcões
esse mercado humano
do qual fôramos nós o unico objecto,
fomentavam na patria ardente do beduino
costume tão funesto e estupido e assassino.
A sêde da ambição annula a consciencia :
a fé dicta o terror, o amôr fez-se inclemencia !
No interior dos sertões do Continente havia
systhema organisado
de arrebanhar captivos.

De trez que se prendia
só um porem chegava ao porto destinado ;
de escravos entretanto o solo Americano
só elle recebeu duzentos mil por anno !

Elles ou eram feitos
nas pugnas crueis entre os guerreiros vivos,
escapados aos pleitos ; —
ou se os ia buscar
sob o manto da noite
lá onde dorme a tribu e as aldeias existem :
é só incendiar
a inerme povoaçao, matar os que resistem
e entregar o restante aos machos e ao açoite,

Si moram nas montanhas,
 estanques pela base os poços e as cisternas,
 os caçadores vão das grutas ás entranhas,
 accendem lenha e palha á boca das cavernas
 como quem busca feras
 e asphixiam-lhe o antro ao fumo das fogueiras.

Destruição sem nome, injusta, abominavel,
 feita em nome de Deus
 á pretexto de fé e catechese e gloria !

As paginas da Historia
 não guardam violação mais feia e detestavel
 que esta sanguinolenta
 campanha de Ladrões que ardeu o interior
 do negro continente
 para roubar á Especie o sangue de uma raça
 votada ao captiveiro irremissivelmente.

A sua narração, Christãos, causa pavôr.

Jesuitas e reis, vassalos e Barões,
 negreiros e armadores
 dos centros europeus,
 na terra onde é o Sol que aos povos apascenta
 abysmaram-se tanto em taes devastações
 que aniquilaram quasi aos Indios povoadores.

Da Lybia os areiaes eternos do deserto
 não necessitam mais que a Fabula reduza
 para bradar vingança
 em serpentes crueis o sangue da Meduza.
 Basta que o Deus da Esphera um dia passe incerto
 nas plagas Africanas
 para vêr aos milhões ossos das caravanas
 de mais de um centenar de gerações humanas
 que o tumulo roubou do Antheu da Escravidão.

A sordida ambição
prendia em gargalheiras
aos escapos da guerra e aos salvos das fogueiras
e os conduzia aos mil ás costas do Oceano.

Oh vós, que aqui chegaes, perdei toda a esperança !

Cazas commerciaes,
companhias, balcões, judeus e mercadores
das praias e arredores
conservam todo anno
pejados os Curraes
d'aquella mizeranda e triste alimaria
que exportavam boçaes e nús para as Colonias.
Duas Nações, porem, um dia se insurgiram
contra a pirataria,
e apezar das de mais, excentricas e erroneas,
se opporem tenazmente,
ao Trafico extinguiram,

Foi n'esse tempo, irmãos, que eu fui aprisionado
nas guerras ao meu Rei.

O exilio nem á Elle houve por bem poupar !

O facto de se andar
precisando escapar aos tramites da Lei
que ás Naus desarvorava em meio do oceano
fazia justamente
que o sordido Negreiro
andasse acautelado ;
porem por isso mesmo o Trafico africano
no lance derradeiro
dobrou, decuplicou, centuplicou de horrór,
como o desenganado esgár do moribundo
na vespera final de abandonar o mundo.

Até na nossa Aldeia a gana foi cevar-se !
 E' duro de contar-se
 tudo que se passou alli com propria côr....
 Não dóe o incendio, não !
 nem a devastação
 de plantios, do lar, de industrias e do tumulo.
 O que dóe e commove e estiôla e dilacera
 é a deshumanidade,
 que se levou ao cumulo,
 desse estrangulamento
 de tudo que não presta ao Trafico incremento.
 Dóe — após escolher-se os validos e adultos
 d'entre os prizioneiros
 que irão servir de pabulo aos velhos povos Cultos—
 mulheres degolar-se e atravessar nas lanças
 os velhos e as creanças,
 como si a aldeia fosse habitação da féra!
 Não se rompe somente o ventre da existencia;
 mata-se a descendencia !

Depois que se escolhou a mim junto a meus paes
 para a Costa do mar, prenderam-me em curraes
 e ás mãos de estranha gente
 fui vendido n'um lote em trôco de aguardente
 e outros productos mil.

Mandaram-nos levar então para um Navio,
 jungidos em grilhões e em pleno senhorio
 de feroz commandante.
 Oh mar ! oh velho mar herculeo de cem braços,
 tu porque não fizeste o navio em pedaços ?
 Inda me lembro, eu vi o rúde navegante
 aos ventos do oceano
 auri-verde pendão nos mastros arvorar.
 Ia partir, — adeos ! — partir para o alto mar
 em demanda illegal do povo americano
 que povôa o Brazil.

E' beijada — a cruel ! — por um milhão de amantes
Humildes, e jamais, nem mesmo por instantes,
Eu sinto dentro em mim o coração rendido
Ao timbre vencedor de um beijo encandescido !

Quem acreditaria ? A Sylvia se aborrece...
Sempre este azul banal e este sol ! Sem que cesse
Este tranquillo estio ! E sempre as noites bellas !
Ah ! Decididamente o céo, pleno de estrellas,
Faz-se cuniplice vil dos trovadores todos,
Das serenatas vans e dos poetas doudos !
Dá-lhes, e de bom grado, essas comparações
Insipidas, triviaes, cheias de velhos tons,
Que usam metrificar... e assim eis que meu nome
Vae rimar tolamente em todos os sonetos
Com symbolica flor, — cousa que me consomme ! —
Com o luar, mais o céo e o sonho e os amuletos !

E no emtanto eu sou o Idolo incensado !
Inveja-se o viver servil e embriagado
Dos lisongeiros mil e dos adoradores
Que a Sylvia, abrindo a rir olhos desdenhadores,
Arrasta atraz de si, vaidosa e soberana !
O aventureiro audaz e rico da Toscana
Vem jogar a meu seio os broches e os anneis ;
Potentados, barões, de Genova os banqueiros
Acercam-se de mim, sacodem-se a meus pés,
Fazendo-me luzir aos olhos feiticeiros
O esplendor ideal dos cofres rutilantes...

Mas nem mesmo a surpreza e aspirações distantes
Um só me poude dar ! E' que os odeio ! Odeo-os
E despreso-os, — Romeus só de vaidade cheios
Cujo peito infiel contenta-se com pouco
Quando cessa o Desejo, o instincto baixo e louco !
Eu soffro... A vida assim, sem um amor, é vida ?

Nada tenho. Nem flor que seque destendida
 Dentro de um livro a ler, nem trança de cabello
 Ao seio, nem o bom vocabulo singelo
 E tão doce, no qual todas as noites pousa
 Idealmente o olhar de uma pessoa que ama !...
 Minha existencia é como erma e frienta lousa,
 E ah ! já nem mesmo ao pranto est'alma se me inflamma !

IZIDORO MARTINS JUNIOR



RAÇA HOMOGENEA



*Q*uando eu enuncio a phrase: *as Raças brazileiras se hão de transformar n'uma só e definitiva, em prazo relativamente curto* — eu quero dizer que na obra de creaçao da Patria nós temos de lutar por bastante tempo com todos os máos effeitos da heterogeneidade ethnica de nossa nacionalidade. Ou melhor: que esta heterogeneidade nos ha de ir servindo de embaraço gradual pelo futuro a dentro até o dia de seu desapparecimento completo e na razão inversa deste desapparecimento.

Ella é o elemento vital mais serio que temos contra aquella obra porque é o unico que não podemos destruir ou annular de chofre.

Tudo mais é trabalho de dous minutos na existencia de um povo: substituir os cânaes da centralisaçao pelos diques da federaçao; o systema tributario indirecto por um embasamento directo que comece na taxa territorial; e investir o Hercules que tem de movimentar o *novum organum* das armaduras invenciveis que só a instrucçao nacional lhe poderá fornecer. Isto será conquista de dous dias, dependente como está do relaxamento de nervos de nossos máos estadistas e da intrepidez e perseverança dessa propaganda democratica que nasceu por geração espontanea das condições geraes do nosso paiz.

O que me parece obra de mais de duas gerações é essa metamorphose de uma nação de trez cores em nação unicolor, essa fusão da heterogeneidade em homogeneidade.

Valha-nos porem a primeira certeza de que uma tal transforma-

ção virá trazer um elemento herculeo em favor de nossa vindoura civilisação, e a segunda certeza de que tal transformação se opera infallivelmente, dentro de mais ou de menos tempo.

A primeira certeza — isto é que tal transformação (caso se dê) traz um elemento em favor da posição que a nação brazileira tem de ocupar no mundo — fornece-nos o estudo comparado da sciencia e da nossa historia, o que eu não posso fazer aprofundadamente aqui mas tentarei esboçar.

Nós brazileiros somos a união hybrida do que havia de mais fraco e depauperado nas raças mais fracas do Planeta.

O negro nunca constituiu uma civilisação. As Pyramides denunciam uma grande elevação moral, mas os Cophtas foram os escravos da raça dominante que as ergueu; e ainda assim o negro *brazileiro* era tirado do que havia de mais barbaro e mais nu e mais boçal e mais animal que vagava pelas costas orientaes da Africa. Pobre gente menos afastada dos primates superiores do que do europeu!

O asiatico (desculpem-me os estudiosos de sciencia o termo; eu prefiro ser vulgarisador, pelo que raro empregarei a technica scientifica) o aziatico é certo que as constituiu. E até mesmo o estreito de Behring prova que por ahi passaram esses *troyanos novos* que iriam fundar os imperios dos Incas e do Mexico, que o deploravel fanatismo hespanhol aniquilou depois. Mas é facto que os talvez 100 milhões de *americanos* selvagens que moravam no Brazil eram o que havia de peior no genero humano e de mais bastardo para a cultura social.

De resto, o que a metropole portugueza nos enviou da pobre raça latina que pela peninsula se debatia nas garras do absolutismo mais desenfreiado e do jesuitismo mais torpe, era o rebotalho das nações: foi ou empregado-real, ou degredado, ou cigano ou couxa peior. E por fim prohibia a immigração do estrangeiro no Brazil sob pena de morte.

Si este trabalho fosse de mais folego eu me deleitaria em provar tudo isso com documentos tirados da nossa historia e dos estudos dos sabios. Por um lado copia de leis, alvarás e actos regios que existem em nossos archivos e chronicas impressas, e por outro lado o resultado das investigações da sciencia no dominio ethnologico, não permittiriam a minima duvida ao espirito.

Ora, o que era dado esperar da união de tais elementos de nossa nacionalidade, na formação da patria, encarando este termo como q

resultado da combinação de elementos politicos, economicos e moraes para constituir-se um estado digno da sociedade humana ?

Será crivel que tal nacionalidade houvesse podido edificar uma patria perfeitamente igual á que edificou a nacionalidade dos Estados Unidos, originada do que havia de maior no mundo do ponto de vista moral : os puritanos ingleses ? Absolutamente não !

Da nacionalidade brasileira só era dado esperar o Brazil !

E' admiravel até que o passado tenha podido apresentar na raça negra um typo como o de Henrique Dias e na indigena um outro como o de Felippe Camarão ou como o do Zumby, typos culminantes no dominio da arte militar e do patriotismo e para os quaes não se acha par inhyerarchico na raça branca brasileira senão já para os fins do seculo passado.

Tal amalgama não podia deixar de produzir effeitos proprios e quem observar a lenta evolução politica, economica e moral de nossa patria colonial irá de quando em quando ápanhando cheio de desagradaveis impressões o trabalho deleterio de taes raças, especialmente das duas primeiras, actuando continuamente contra a nossa civilisação, apesar da somma de autonomia que a invencivel distancia do oceano d'aquelles tempos obrigava a metropole a dispensar aos povos subjeitos ao seu regimen colonizador.

E actuaram tanto mais positivamente quanto mais duradouro foi o captiveiro illegal de ambas !

O que é facto, porém, é que tal união não podia absolutamente servir ao progresso da colonia latina, muito menos crear uma verdadeira patria e eleval-a ao nivel de cultura moral dos povos europeus. Nem creou, de facto !

Para servir á um ideial politico, economico e moral como o das sociedades soberanas de Europa seria preciso uma nação opinativa. Opinião é a unidade nos sentimentos e nas ideias de um povo.

Productos das forças physiologicas, a unidade destes suppõe a homogeneidade da nação.

Desde que o que existiu sempre foi heterogeneidade ethnica não podia em tempo algum ter existido opinião nacional entre nós.

Nem a historia desmente o asserto. A Restauração, 1789, a Independencia, o 7 de Abril, o 15 de Novembro, foram obras locaes e cujas repercussões mesmo mal feriram a imaginação dos povos. Os esforços inauditos dos revolucionarios heroicos de 1817, 1824, 1835 e 1848 conseguiram menos reunir os sentimentos e as ideias do povo em torno dos seus estandartes federaes do que mesmo o exodo

Oh Africa abrazada
 onde mora o camelo entre o Deserto e os ceus,
 virgem terra adorada,
 oh mãe de todos nós, mãe immortal, oh patria,
 adeus ! p'ra sempre adeus !
 Tu, Desconsôlo, estanca as lagrimas ao pranto
 que derramas em vão!
 Duende do desterro, oh Noite do oceano,
 descobre do teu manto
 toda a dôr, todo o fél, que em quatrocentos annos
 depositou-te n'alma o inculto coração
 dos Negros africanos !
 Negros Minnas, heroes ! oh vós sublimes loucos !
 sombras dos indomaveis !
 do Zambeze terror, flagello de Loanda !
 negros que edificaveis
 essa, primeira então, republica da America
 que poude resistir — muito mais de metade
 de um seculo — aos azares
 da guerra que moveu-lhe a Vencedora homérica
 das legiões de Hollanda ;
 que esperança restar nos pode — a nós tão poucos !—
 de cobrar liberdade
 nessa terra estrangeira e ingrata do Desterro,
 si á vós — quarenta mil,— a fome, o fogo e o ferro
 esmagaram por fim nas serras dos Palmares !...

Muito mais de um milhar de irmãos lá no porão
 untado de alcatrão
 gemeram todo um mez,
 com grilhões no pescoço e machos pelos pés,
 sem alimento e ar e sem poder dormir,
 com certeza da morte e incertos do porvir.
 Empilhados em massa, ao fundo, nús, sedentos,
 como n'um armazem,—
 perecendo uns de fome as dezenas e aos centos,
 outros de nostalgia,
 e expostos ao achaque originado as vezes
 só do simples contacto,

outras vezes boçaes sujeitos, dias, mezes,
ao rigor litteral de vil tripolação
que açoita-os por dezenas
e inflige-lhes mau trato;—
aquillo alli doía
dentro do coração
mais fundo e mais atroz do que todas as penas
que a tortura inventou
e são padrões sem par da crueldade humana.
Mizericordia, oh Deus, Deus dos escravizados !
Ha mais o que punir n'aquelle desgraçados
do que na barbaria hedionda e deshumana
que o flagello da guerra entre as nações gerou.

Emfim, porem, um dia o Barbaro, escondido
assim como um bandido
que procura fugir ao dedo da Justiça,
singrou de barra a dentro. Oh scena de carniça
foi essa que estampou a luz do sol que raia
ao romper da manhã no comoro da praia !
Um cruzador de guerra armado n'outra parte,
que chamavam Inglez por causa do estandarte,
virando para terra a vingadora garra
vinha sulcando a onda em direcção da barra.
O dia foi se erguendo. Era então muito cêdo.
O nosso commandante olhando para o mar
mandou desembarcar
á toda pressa a carga humana do navio,
afflito como quem já não vencia o medo.
Eu me recordo bem. Rolaram-me da escada
de bordo, e me embarquei n'uns tóros de jangada.
Em terra vozeiava enorme murmúrio.....
Ahi presenciei todo o extraordinario
quadro sanguinolento
que deu a commoção de assombro do scenario
cunho superior ao nível da piedade.
Oh lugubre momento !
Da carga primitiva existia a metade,
a metade somente ! O resto succumbira !

Para uns de jazida
o Atlântico servira,
porque o capitão mandou-os alijar
da jornada no meio aos vagalhões do mar;
outros, mortos depois por falta de comida
ou qualquer accidente oriundo da viagem,
a rude criadagem,
deixara-os jazer no fundo do porão
e, chegados ao porto, os despejara então
da praia no areial. A scena parecia —
uns cadaveres nus, negros e sem mortalha,
sobre o comoro branco em madrugada fria —
como os quadros finaes dos dias de batalha.

E quando houvemos de ir d'aquellas tristes bordas
para esse destinado
local onde se vende os viveres e o gado,
nós fomos já sem cordas,
sem corrente ao pescôço.
Iamos para o valongo e não p'ra o calabouço !
Do Cruzador, porem, que a presa cubiçava,
fazendo pontaria
o fogo dos canhões ingleses ribombava
contra a náu Brazileira
como negros trovões no mar. Tamandaré,
velho fortim erguido alli do porto ao pé,
ouvia silencioso o rubido estampido
d'aquelle artilheria
de Nação estrangeira,
curvo como o terror, mudo como um bandido
apanhado em flagrante !
Ja longinquos bastante
d'aquelle ensanguentado e triste littoral,
distinguiamos mal
pelo horizonte incerto
negras nuvens de fumo enchendo o firmamento
que momento á momento
um clarão colossal de incendio illuminava,

Irmãos! A Raça escrava
deve, no dia de hoje em que Jesus nasceu,
de joêlhos sobre a Terra
orar e supplicar ao grande Deus do Ceo
durante toda a missa
pelos dous pavilhões de França e de Inglaterra !
Elles foram, — christãos! — o Dedo da Justiça.
Unidos para dar batalha a barbaria
do Trafico africano,
varreram para sempre essa pirataria
da face do Oceano !
Este navio Córso,
illegal e negreiro,
que o Pirata arribou, perseguido, ao primeiro
ancoradouro incerto
quando viu que o Cruzeiro o havia descoberto ;
ja lavravam-lhe o dôrso
rubras linguas de fogo ardendo encandescente.
Por isso ensurdeceu o bombardeio. A gente
ia longe bastante. E não nos perseguiram.

O capitão e os mais
precipites fugiram
em plena direcção dos densos matagaes
da redondeza. Só depois de atravessar
mil córregos e váus, nós fomos pernoitar
na vizinha cidade
em vespera de feira.

No dia subsequente
fizeram-me vender ao primeiro *senhor*
que viu-me e consultou-me o olhar, o porte, a idade,
a proporção da forma e a carnação grosseira.
Estudam por signaes
as virtudes servis como nos animaes !
Este fez-me surrar inexoravelmente
por seu brutal feitor
armado de azorrague e fero como a hyena.
Meus gemidos de dor não lhe causavam pena !

Era dar e batter, ferir e chicotear
somente pelo gosto estupido de dar.
Estranha aprendizagem
para negros boçáes que chegam de viagem !
Depois, seguindo o uso
já quasi extinto então
de marcar-se do Escravo as carnes como ao gado,
uso que foi herdado
aos avós de ultramar do velho reino Luzo,
o barbaro arrancou a marca do fogão
e imprimiu-me sem dó no hombro o ferro em braza !
Oh dor ! mizericordia ! A carne chia e doe
como a tenaz que ao nervo aperta e torce e móe.
Enlouqueci de raiva. E quando tive a vasa
de empunhar uma enxada
foi só para vibrar a primeira enxadada
no craneo desse monstro empedernido e máo.
Rasgaram-me de novo o lombo á bacalháu !
Jungido no pescoço, e sem poder fugir
d'um tronco de madeira, — os pulsos algemados,—
só sahi para ser entregue a alguns soldados
que iam para a aldeia
e foram nas prisões lançar-me da Cadeia.
Commentou-me o delicto a imprensa da cidade,
que se fez de juiz,
em nome do Direito e em nome da Equidade !
Triste obliteração profunda de um paiz !
O facto transformou-se em pão quotidiano
dos classicos Jornaes.
Nos edictoriaes
o uzado adjetivo energico era : infando,
e a these se inscrevia: Instincto de Africano !
Nunca nenhum, porém, fallou do Contrabando !

Levado aos Tribunaes, o Jury absolveu-me...
Novamente depois um corretor vendeu-me
ao mesmo Fazendeiro
que inda ha pouco deixou o chão deste terreiro;

dono deste castello inutil, levantado
sobre o seu Latifundio inculto e illimitado
pelo suor e o sangue
de muitas gerações de illotas Africanos.

O mais, vós bem sabeis !....
Eu vivi entre vós
como um monstro qualquer da selva ou do paúl
quasi 33 annos,
paciente, soffredor, invalido e exangue !

Quando o Escravo findou a historia dos Avós
o vento já vibrava a ondulação no Sul
da alegre badalada
d'um dos sinos da aldeia
convidando os Christãos para assistir a Missa.

A Escravatura ergueu-se então e pela estrada
do sul foi entoando
hosannas ao Pastor do Amôr e da Justiça.

FERNANDO DE CASTRO.

13 DE MAIO



Revista do Norte julga que não ha ponto de vista — animal, social ou moral — de onde o dia 13 de Maio de 1888 não pareça o dia maior da historia brazileira.

Dia epico, filiado a esta serie luminoza de actos e factos que se prende durante o periodo de dois reinados á celebre declaração anterior dos Revolucionarios de 1817 no decreto de 18 de Março, ao martyrio do Patriarcha da Independencia, ás leis de 1831, 1850 e 1871, e aos nomes santos de Eusebio de Queiroz, Rio Branco e João Alfredo e do maior de todos os abolicionistas Joaquim Nabuco; o dia brazileiro de 13 de Maio figura na Historia humana ao lado da campanha de Garrison e do decreto americano de Lincoln e da propaganda puritana de Wilberforce e do decreto britannico de Stanley.

Esquecel-o tão cedo, — á elle em cujo percurso nós Brazileiros assistimos o desencadeiar de quasi um milhão de homens que foram arrancados do captiveiro, á elle que figura para nós a emancipação

omnimoda e incruenta de toda a nação brazileira de quatorze milhões até então presa da escravidão moral social e politica que o captiveiro gerou secular e inconscientemente, — esquecel-o tão cedo seria uma ingratidão.

A *Revista do Norte* julgou, por isso, de seu dever publicar numero commemorativo especial que fosse n'este dia prova do grande sentimento que lhe desperta a memoria da propaganda e da lei abolicionistas.

E para isso não podia ser mais feliz do que edictando a brilhante poesia inedita *Os Algemados* do illustre collaborador Dr. Fernando de Castro, trabalho feito justamente neste anno de 1884 em que em Pernambuco a propaganda havia chegado a seu auge.

A DIRECÇÃO
